



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Poetas que interessam mais', de Ida Alves]

António Carlos Cortez

Para citar este documento / To cite this document:

António Carlos Cortez, "[Recensão crítica a 'Poetas que interessam mais', de Ida Alves]", *Colóquio/Letras*, n.º 181, Set. 2012, p. 264-268.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

gue explicitá-lo de maneira convincente, alicerçando a sua demonstração no pansexualismo de Álvaro de Campos, poeta da modernidade futurista, cujo lema é «sentir tudo, de todas as maneiras». Na senda dos mestres Alberto Caeiro e Walt Whitman, o seu pansexualismo é uma união com as coisas, a alteridade, o múltiplo, uma sublimação poética do artefacto como natureza alargada, um erotismo no «limite do *self*» propondo assim «uma outra continuidade ontológica» (p. 338).

Se o Quinto-Império de *Mensagem* funciona como ucrônia, o ciclo de *Anteros*, evidenciado pelo autor, também, já que o poeta desconstrói esotericamente através desse nome todas as categorias normativas, sexualidade, género, heterossexualidade, conceitos que travam essa realidade utópica de um «amor antes do amor» e «um amor além do amor» (p. 345). «Portanto, *Anteros* não é nem um anti-Eros nem um Eros-outro. É um Além-Eros» (p. 349), um Encoberto por vir. Mais uma vez, na falta de *corpus*, Frias consegue expor a sua teoria e desvendar o «mistério», extrapolando para outros textos (neste caso *Mensagem*) para firmar a sua argumentação, que, do início ao fim, não deixa de ser convincente, fornecendo assim preciosas achegas (e com certeza fundamentais) para o estudo da galáxia Pessoa. A sua paixão pelo poeta e conhecimento profundo da obra (cabalístico por vezes) permite-lhe «tecer malhas» entre os textos do autor e estabelecer relações fecundas e promissoras entre os vários heterónimos, alguns até aqui pouco estudados, como Jean Seul de Méluret e António Mora em particular.

À guisa de conclusão, o estudioso propõe uma «abertura», tendo em conta a dimensão *in progress* da obra de Fernando Pessoa, e por dar azo a múltiplas «interpretações e leituras pluridisciplinares» (p. 20) de que o livro é um exemplo conse-

guido. Afinal, no próprio corpo do texto, o autor deixa antever outras «aberturas»: a temática do *entre-deux* muitas vezes referida e tão cara ao amigo predileto de Pessoa, Sá-Carneiro; o (sor)riso desse «fingidor» que Aníbal Frias nos dá a ver, de maneira «impressionista», ao salpicar o seu texto de palavras pouco comuns na crítica pessoana (riso, humor, ironia, paródico, burlesco, escárnio, *nonsense*, *comedia dell'arte*). Por isso, muito teriam a ganhar os pessoasanos que não leem a língua do Chevalier de Pas, ao ver esta análise densíssima do agora dilucidado «Ciclo do amor», traduzida e publicada em Portugal.

Fernando Curopos

NOTA

¹ As traduções das citações são da minha responsabilidade.

POETAS QUE INTERESSAM MAIS LEITURAS DA POESIA PORTUGUESA PÓS- -PESSOA

Organização de Ida Alves e Luís Maffei
Rio de Janeiro, Editorial Azougue / 2011

Talvez não seja despropositado começar por perguntar o que é o ensaio e quais os limites da sua possibilidade enquanto género. O termo comporta o étimo *exagium*, proveniente do latim tardio, querendo significar «balança», reenviando ao termo *exagiare*, «pesar». Tangencial a essa primeira significação, ensaio pode também designar «exame», com remissão para a parte da balança que, examinando, controla, pela lingueta do fiel da balança, o peso dum objeto. Assim, ensaio remete para o verbo *exigo*, cuja semântica aponta para as ideias de empurrar, expulsar e, mais distante do sentido primeiro, exigir. *Poetas Que Interessam mais — Leituras da Poesia Portuguesa Pós-Pessoa* reúne vinte e

cinco trabalhos em que se faz a arqueologia de «alguns dos principais vectores da poética pós-pessoana [...] para conhecer e reconhecer o importante lugar que essa literatura [a portuguesa] ocupa em nossa cultura» (p. 7).

Cronologicamente, assim se apresentam os estudos compilados. Mónica Figueiredo escreve sobre Nemésio. Luís Maffei, por seu turno, detém-se na poesia portuguesa de 2000 até hoje. Dois aspectos unem estes textos: Mónica Figueiredo, a respeito de Nemésio, destaca a rutura discursiva operada pelo autor de *O Verbo e a Morte*, assente numa maior liberdade retórica que rompe «com a sagração de temas poéticos, [pois Nemésio] inverteu toda a forma de linearidade, levou ao limite a metáfora, jogou com a intertextualidade, abriu espaço para o registo da memória involuntária, acreditou no desconexo e fez de bactérias, falências económicas, ou de reatores de avião temas e motivos de poesia» (p. 9).

Para Maffei, a escrita do novo no século XXI opera também alguma rutura, devedora do lastro nemesiano, entre outras heranças. Joaquim Manuel Magalhães e os autores de *Cartucho*, António Franco Alexandre, Helder Moura Pereira e João Miguel Fernandes Jorge, mas também Al Berto, são responsáveis por um vanguardismo de blague, entre o *pop* do invólucro — folhas de mercearia amarrotadas onde constavam poemas — e a atitude de recusa de certo textualismo da década anterior que Magalhães ostensivamente interroga, defendendo um «regresso ao real», como refere Emerson Inácio.

Aludindo à antologia de 2002, *Poetas Sem Qualidades*, Maffei destaca o fim da densificação verbal ocorrida nos últimos dez, quinze anos, algo que entronca no que poetas como Nuno Júdice — que para Ida Alves estabelece uma «poética de *personas*» (p. 293) operando uma «narrativi-

dade [que] trata, na verdade, da elaboração do próprio poema a partir de emoções ou sensações» (p. 293) — ou, noutro sentido, Adília Lopes, propuseram enquanto dessacralização do literário, mesmo se tal dessacralização significou habilidade extrema em colocar o próprio lirismo e a tradição literária em questão permanente, como lemos no autor de *Teoria Geral do Sentimento*.

Maffei segue um dos postulados mais ativos da leitura pós-moderna: o de Guy Debord. Na sociedade do espetáculo em que a poesia atua, esta tende a seguir efeitos pragmáticos da comunicação, explorando os conteúdos realistas que evidenciam a «fragilidade ontológica do próprio texto» — reconhece Rosa Maria Martelo, aspecto comum a João Luís Barreto Guimarães, Luís Quintais ou Carlos Bessa (p. 392). Mesmo se se aposta num percurso de «transfiguração» em Filipa Leal ou num tom surrealista em Rui Cóias ou valter hugo mãe, sem esquecer Rui Laje e Rui Nunes, é de fragilidade ontológico-textual que, segundo o autor, a poesia desta primeira década dá conta.

Porque se trata de pensar a linguagem, Carlos de Oliveira, em ensaio de Leonardo Gandolfi, surge como um dos astros fortes da segunda metade do século XX. O autor de *Fimisterra* cria uma linha de leitura para a compreensão de muita da poesia novecentista portuguesa a partir das interrogações sobre a escrita e o estatuto do escritor/autor; das relações de conflito e semelhança entre sujeito e texto, bem como de uma certa desestabilização do biográfico que procedem da reescrita. Esta torna-se tarefa de correção de um mundo verbal árido e escasso como a sintaxe que o anima e dá a ver o microrrigor e a gramática da rarefação, inspiradora da poética de Manuel Gusmão.

Como *razão apaixonada*, o poeta de *A Terceira Mão* apresenta-nos, segundo

Mardeleide Lima, uma «escrita árdua [...] um exercício contínuo do poeta no seu trabalho inquieto com a linguagem que se constrói letra a letra, imagem a imagem» (p. 365); poesia como «chão da história» espiritualizando, pela invenção de possíveis verbais, a humanidade. Já para Virgínia Boechat, em estudo sobre Eugénio de Andrade, «a palavra é [...] o lugar de uma soma que não apaga os caminhos da dualidade» (p. 48) existente entre efemeridade do amor e a perseguição de uma eternidade da escrita. O poeta é visto como portador de um sentido para a vida humana, guardador de metáforas «[reeditando] nele uma consciência demiúrgica» (p. 55).

Talvez o ensaio dedicado a Eugénio possa ser complementado com a leitura de Alberto Pucheu sobre a poética de Luís Miguel Nava. O obscurecimento gradual que podemos ler em Nava deriva, talvez, da mesma funda melancolia que se observa em Eugénio. Mas, no contexto em que evolui a poética do autor de *O Céu sob as Entranhas*, essa melancolia tolda-se de uma negritude relampejante, como se os poemas funcionassem como espelhos de uma «vitalidade descautelada» (p. 333). Em Nava, afirma Pucheu, o erotismo soube conjugar-se com um mundo de imagens fortes à luz de «uma efervescência homerótica [...] havendo, prioritariamente, um cosmoerotismo em sua poesia» (p. 337).

Já nos ensaios dedicados a Sophia (assinado por Márcia Barbosa), Jorge de Sena (da autoria de Gilda Santos) e ao surrealismo (por Jorge Fernandes da Silveira) importa ver como os estilos do ensaio são diversos e as fronteiras com o literário, ténues. Márcia Barbosa procura nos poemas de Sophia um singular empenhamento, relacionando a sua obra com *Mensagem*, de Pessoa. Em ambos os poetas identifica o mesmo desejo de transcendência e o «pre-núncio de uma nova ordem social» (p. 63), pois Sophia e Pessoa seriam animados, es-

creve, citando Maria Lúcia Dal Farra, por um «messianismo de linguagem».

Segundo Gilda Santos, Jorge de Sena é alvo de exegese à luz do magistério de Rimbaud e de outros autores franceses que o autor leu, traduziu, citou, apresentou e procurou divulgar e que confirmam um Sena poliédrico que irrompe das páginas do ensaio. Esse diálogo repercute-se em poemas como «L'été au Portugal», «La Dame à la Licorne», «Si jeunesse savait» ou o conhecido «Chartres ou As Pazes com a Europa». Em torno de O'Neill e Cesariny, Jorge Fernandes da Silveira percorre um trilho de leitura que é uma prodigiosa exegese dos dois autores. Ao ler o que escreveram os poetas de «You Are Welcome to Elsinore» e de «Um Adeus Português», Silveira «aprende» que os poemas são «Textos Personagens, em repouso» (p. 99). Assim o seu «ensaio-drama-em-gente» é uma proposta hermenêutica arrojada onde se defende que estamos perante poetas que suscitam a criação dum «ensaio teatral», investida surrealizante em ensaio que é também literatura.

Em outros estudos, como os dedicados a David Mourão-Ferreira (Teresa Cristina Cerdeira) — onde se enquadra a sua poética numa linhagem que vem do amor cristão ao amor erótico numa reinvenção da lição camonianiana —; a António Ramos Rosa (Silvana de Oliveira) — entendido como responsável por uma obra onde se configura «uma poesia de caráter solar, cotidiana e povoada de metáforas ligadas à concretude de um mundo» (p. 123) — ou ainda à Poesia Experimental (Rogério Barbosa da Silva), verifica-se que «a escrita nunca foi senão representação: imagem» (p. 135), como sentencia Ana Hatherly.

De resto, esse caminho da imagem está patente em Ana Luísa Amaral e Maria Teresa Horta, poetas que são alvo de ensaio comparativo-contrastivo por parte

de Ana Domingues de Oliveira e onde se explora uma semântica da recusa e uma fundação do poético no feminino como modo de resistência de um corpo que se faz cantocântico do indomesticável nas obras das autoras que não fogem aos temas da opressão e da liberdade.

Os ensaios mediais do volume — sobre Ruy Belo, Herberto Helder, Fiamma, Luiza Neto Jorge, Gastão Cruz, Armando Silva Carvalho, Maria Gabriela Llansol e Assis Pacheco — concitam coordenadas de leitura renovadoras. Em Ruy Belo, como defende Marcos Aparecido Lopes, a vocação poética banha-se numa experiência religiosa marcada pela valorização da visão epifânica do deus ausente, experiência a partir da qual a poesia se encaminha, como escritura, para uma atenção às potencialidades da linguagem segundo o «primado da audição sobre a visão» (p. 159).

De certo modo, nas exegeses sobre Herberto, Fiamma Hasse Pais Brandão, Luiza Neto Jorge e Gastão Cruz, o fenómeno poético é compreendido de forma correlativa: em Herberto (Izabela Leal) refere-se a influência de Baudelaire «sobretudo no que diz respeito à dimensão da experiência que o poema dá a ver, ou que não pode dar a ver, isto é, a dimensão que se traça entre o que o poema deseja ser e o que de fato é» (p. 172). Desta feita, a poética herbertiana afirma-se «comemoração, comemoração, reatualização da memória no presente, do mundo dos mortos naquele dos vivos» (p. 173). Poesia como escavação e jogo entre devir e porvir, no autor de *Ou o Poema Contínuo* assiste-se ao combate entre «vida e morte [e o poema é] a devoração do criador pela coisa criada» (p. 177), «construção e destruição de outros textos na busca do texto próprio [...] fazendo [o poema] com e contra os escritos que [o] antecedem» (p. 178).

Um mesmo processo de aquisição de textos (de escavação?) de outros para criar

o seu próprio é visível em Fiamma. Monica Simas dedica-se à análise dos quatro poemas insertos no número da revista *Relâmpago* dedicado à autora (2004). «Matéria Simples» cumpre o gesto da escrita feita leitura dos labirintos da existência. É a literatura como elemento terceiro entre a linguagem e a obra, tal como defende Foucault, que anima a escrita transgressora da poetisa. Logo, «talvez possamos assinalar a duplicidade do ‘espaço próprio’ da poesia de Fiamma [...] em relação [...] à herança textual/cultural, configurando a literatura como ‘princípio de legibilidade’ ou «de ‘biblioteca’, mas também como lugar ‘interdito’ em relação ao uso da linguagem como transparência da língua» (p. 184).

Sobre a poetisa de *O Ciclópio Acto*, Roberto Corrêa dos Santos afirma que ela persegue a «letra que leve até à mão aquilo que se passa no rio do pensamento, lá desaguando volumes de afetos e frases, libertos de elos fáceis» (p. 202). Assim, a poesia de Luiza é «guerra entre impulso e ressonância: lembrança: arquivo: arquivo: arquivo: teste de constrangimento: regra: ponto e mira: mensagem tópica e arqueológica: sinalizador» (p. 203). Gastão Cruz, em ensaio da autoria de Simone Caputo Gomes, surge como discípulo sábio de Camões, Pessanha, Shakespeare, Blake, entre outros; autor também dum «duelo agudíssimo» com as vozes da tradição poética ocidental. O maneirismo, a que se refere a ensaísta, é uma das marcas mais fortes dessa poética culta e que obedece a um «estado crepuscular» da consciência. Trata-se da tentativa de gravação do efémero na segurança de um texto sobrevivente. Os poemas viajam pelo tempo passado recuperando (fazendo percutir) desse tempo os materiais concretos para resistir ao império da morte.

Sebastião Edson Macedo trata da «manipulação da memória» e de uma certa necessidade de eternizar o efémero na

obra de Armando Silva Carvalho. Poeta das «fantasmagorias da metrópole» (p. 231), nos seus textos articula-se a temática amorosa com a crítica à hipocrisia do tempo urbano. Algo de semelhante ocorre na poesia de Assis Pacheco, subvertor da história que condena a barbárie humana segundo «o binómio memória/esquecimento», como salienta Mário César Lugarinho em ensaio sobre «As Poéticas do Tempo e a Guerra da África». Neste sentido, Alegre e Assis Pacheco podiam inscrever-se numa mesma vivência do poético à luz da «história [vívida como] um rotativo palco romanesco» (p. 239). Já em Llansol figura uma «escrita no ventre» que leva à explosão «luminosa da paixão da escrita» (p. 245) e nos oferece, segundo este ensaio, o «combate pelo drama-poesia».

Poetas Que Interessam mais — Leituras da Poesia Portuguesa Pós-Pessoa fica como um marco do ensaísmo sobre a poética da segunda metade do século XX. Pelo que seria ainda possível escrever sobre os poetas que foram objeto de reflexão, é plausível que outro volume de ensaios se justifique, pois é eclética e heteróclita a poesia que, hoje, continua a aventura iniciada por Pessoa, poeta, nestes poetas, vivo.

António Carlos Cortez

LITERATURA E CIDADANIA NO SÉCULO XX

ENSAIOS

Organização de Clara Rocha, Helena Carvalho

Buescu e Rosa Maria Goulart

Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / 2011

Sob a égide das comemorações do centenário da República, no módulo «República das Letras», *Literatura e Cidadania no Século XX* dá-nos a ver, segundo o olhar de vinte ensaístas, um século determinado

pela pulsão social e política da literatura portuguesa. Numa nota lapidar de apresentação, na contracapa do livro, as suas organizadoras explicitam a linha de rumo do volume: equacionar os modos como autores e movimentos literários foram interrogando e construindo a questão da cidadania, sendo esta «um dos lugares pelos quais a literatura se pensa a si própria». Não exploram as *nuanças* semânticas e históricas dos termos convocados para o título, tão afeiçoados à modernidade artística e política ou se se quiser ao romantismo e à Revolução Francesa. Ao fazerem essa opção, abrem espaço à admirável diversidade e consistência deste conjunto de ensaios que em diacronia cobre os anos de Novecentos.

Aqui estão menos em causa as afinidades político-ideológicas dos escritores do que a reflexão sobre os meios específicos de que a literatura dispôs para se inscrever no político e inventar a «palavra capaz de dizer, elucidar e recolocar a complexidade e a contradição do mundo a que pertence» (p. 421), como defende Luís Mourão. Deste modo o diálogo entre o político e o literário não se circunscreve aos choques entre a pureza esteticista e a urgência ideológica da literatura empenhada. Desde logo, porque a matéria-prima da literatura, a linguagem, é marca da socialidade e da historicidade humanas. Depois porque ela não foge à codificação institucional, ao controle dos dispositivos linguísticos, inerentes à cultura escrita e à comunicação literária do livro. Finalmente porque, na obra em apreço, não interessa tanto (embora possa ser também o caso) a literatura ao serviço da cidadania mas antes a capacidade de ela inventar o lugar onde da cidadania que é a nação (portuguesa).

É segundo estes pressupostos que se desenha o arco temporal coberto por *Literatura e Cidadania no Século XX*: os seus pólos fixam as datas de 1910 e 1974, tendo